

Cidadania digital, audiojornalismo e resistência indígena: os repórteres da floresta da rede Wayuri¹

Marina MAGALHÃES²
Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

O processo de apropriação das tecnologias digitais pelos povos indígenas no Brasil vem sendo estudado por diversos autores ao longo dos últimos anos (PEREIRA, 2012; DI FELICE; PEREIRA, 2017, dentre outros). Mesmo em lugares onde a cidadania digital (DI FELICE, 2020) não encontra as condições conectivas ideais para a sua expressão, como no interior do estado do Amazonas, tais povos desenvolvem estratégias para o desenvolvimento de um jornalismo de resistência (PENA, 2018) produzido a partir da floresta, superando o problema dos desertos de notícias – zonas rurais ou remotas sem cobertura midiática local (MEDEIROS, 2020) – e possibilitando uma participação cidadã por meio de processos comunicacionais em redes net-ativistas (MAGALHÃES, 2021), que serão apresentados a seguir. Logo, como objetivo principal de pesquisa, este estudo busca entender a construção do jornalismo de resistência no interior amazonense a partir do caso da Rede Wayuri, coletivo de jornalismo criado em 2017, por jovens indígenas do noroeste do estado, para combater a desinformação, proteger as populações originárias e locais e disseminar informações noticiosas para pontos remotos da região amazônica. Como objetivos específicos, busca-se refletir sobre os conceitos de net-ativismo, cidadania digital e jornalismo de resistência, tentando compreender como tais conceitos dialogam entre si, e investigar a sua relação com a Rede Wayuri. Também pretende-se observar, especificamente, as estratégias empreendidas pelo coletivo de repórteres da floresta, com correspondentes espalhados pela bacia hidrográfica do Rio Negro, na produção de seus conteúdos. Nesse sentido, este estudo se caracteriza como uma pesquisa do tipo exploratória, que busca “estudar, explorar o problema a fim de torná-lo explícito e possibilitar a criação de hipóteses”, a qual pode também ser definida como pesquisa bibliográfica, por envolver levantamento bibliográfico e a análise de exemplo que estimule a compreensão e a discussão (CAJUEIRO, 2015, p. 16). Tal pesquisa envolve formas de contribuições científicas distintas, a exemplo de livros, publicações periódicas, notícias em sites, etc. Além da revisão de literatura, a metodologia deste estudo envolve também uma pesquisa netnográfica nas redes sociais digitais da Rede Wayuri, sobretudo no que tange às suas produções audiovisuais. A netnografia, ou etnografia virtual, busca preservar os detalhes das observações através da adoção de meios eletrônicos para seguir os atores, fortalecendo-se como método justamente por sua falta de receita. “(...) sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa” (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 37). Sendo assim, do ponto de vista da fundamentação teórica, esta pesquisa parte do conceito de net-ativismo a fim de investigar a sua aplicabilidade à Rede Wayuri. O net-

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 2 a 4 de junho de 2022.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (UNL), Professora Adjunta do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Campus Parintins (ICSEZ/UFAM), email: marinamagalhaes@msn.com.

ativismo pode ser entendido como mobilizações nas quais “as pessoas se reúnem em forma de redes de colaboração e nas redes da internet, conectando-se não apenas com outras pessoas, mas com novas formas de inteligência” (MAGALHÃES, 2021, p. 21). Entre esses tipos de inteligência, podem ser destacadas as redes sociais digitais – como Facebook, Twitter, YouTube e Instagram – além de plataformas diversas, robôs, algoritmos, vírus de computador e aplicativos como WhatsApp e GPS. O conceito de cidadania digital também fomenta o debate aqui proposto, sendo entendido como “a expansão dos direitos e das formas participativas parlamentares e, portanto, como um fortalecimento, uma amplificação e uma versão mais completa da democracia (...) como o advento de um novo tipo de comum, conectado e interativo” (DI FELICE, 2020, p.15). Já o jornalismo de resistência serve à reflexão deste estudo ao remeter à aplicação prática de preceitos ligados à função social da profissão. Em outras palavras, a resistência à concepção mercadológica do jornalismo, a visão da notícia como algo além da mercadoria, quebrando as limitações das rotinas produtivas e das demandas óbvias do agenciamento dos *media* tradicionais, fazendo do jornalista – ou, no caso, do repórter da floresta – uma peça fundamental na dinâmica da construção social da realidade (PENA, 2018). A partir da revisão bibliográfica centrada nos conceitos apresentados (net-ativismo, cidadania digital e jornalismo de resistência) e da análise netnográfica da Rede Wayuri, conclui-se que o coletivo jornalístico independente e distribuído por parte do território amazônico apresenta traços de um movimento net-ativista, no que tange à formação de redes de conexão entre humanos (repórteres) e não-humanos (redes sociais digitais, dispositivos de conectividade, plataformas de distribuição de áudios – Spotify e SoundCloud –, aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones – WhatsApp – dentre outros). Também se caracteriza como um exercício de cidadania digital, na medida em que revela uma nova morfologia ecológica e social (DI FELICE, 2020), por contar ainda com a presença interativa da floresta amazônica, das árvores, dos rios, dos softwares etc. em suas formas de participação e governança em territórios midiaticamente e politicamente esquecidos. O jornalismo de resistência também se faz presente nas ações desse coletivo, sendo desenvolvido e difundido tanto por meio das plataformas digitais aqui citadas, quanto por meios analógicos nas aldeias do noroeste do Amazonas ainda não conectadas à internet. A produção de boletins em áudio, em diversos idiomas locais, ocupa um papel central rotina produtiva desse coletivo jornalístico, cuja distribuição pode-se dar tanto digitalmente quanto analogicamente, por meio de *pen drives* que são enviados por barcos para pontos remotos da mapa e depois reproduzidos em rádios-postes ou rádios-árvores, bem como disseminados por carros de som ou via serviço de radiofonia pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foim). Por fim, na dimensão do campo da Comunicação, espera-se, com este artigo, contribuir para a expansão do inventário de ações net-ativistas e de cidadania digital que segue em construção e em constante atualização no Brasil. Dessa vez, a partir de um caso de resistência indígena e de uma perspectiva que vem da floresta – e não mais *sobre* a floresta – produzida pelas redes que nela habitam.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania digital; jornalismo de resistência; net-ativismo; audiojornalismo; Rede Wayuri.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Sessões do Imaginário**: cinema, cultura, tecnologia da Imagem, Ano 13, n. 20, p. 34-40. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS, 2008.

CAJUEIRO, R. L. P. **Manual para a elaboração de trabalhos acadêmicos**: guia prático do estudante. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DI FELICE, M. **A cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. (orgs.) **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

MAGALHÃES, M. **Nossos sonhos não cabem nas urnas**: a crise da política e o net-ativismo. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2021.

MEDEIROS, R. A função social do rádio local entre desertos de notícias e zonas de silêncio: reverberações da migração AM-FM. **Âncora**: Revista Latino-Americana de Jornalismo. Ano 7, Vol.7, N.1, Jan./Jun., p. 360-378. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2020.

PENA, F. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2018.

PEREIRA, E. S. **Ciborgues Indígenas.br**: a presença nativa no ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2012.